

O VICE-REINO DA PRATA: RELATOS DE MARIQUITA SÁNCHEZ SOBRE O TRATAMENTO DADO A MULHERES E CRIANÇAS EM *RECUERDOS DEL BUENOS AYRES VIRREYNAL*

THE VICEROYALTY OF *PLATA*: MARIQUITA SÁNCHEZ'S NARRATIVES OF THE TREATMENT GIVEN FOR WOMEN AND CHILDREN IN *RECUERDOS DEL BUENOS AYRES VIRREYNAL*

Claudio Luiz da Silva Oliveira¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar as narrativas de Mariquita Sánchez sobre o tratamento dado a mulheres e crianças em suas memórias registradas na obra *Recuerdos del Buenos Ayres Virreynal*, ditado a Santiago de Estrada. A abordagem metodológica adotada é qualitativa, numa perspectiva bibliográfica. O corpus de análise são os relatos apresentados neste livro de memórias, publicado em 2019 pela editora argentina Maizal. O método de análise é pautado na análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), tendo como unidade temática o termo “virreynato” e como categorias de análise as palavras “mujer, niño/a” e seus respectivos plurais . Concluímos que as impressões registradas por Mariquita evidenciam que a mulher era criada para o trato do lar e o cuidado dos filhos, e os jovens rapazes eram educados para não demonstrar sentimentos e terem autonomia para a subsistência familiar. A descrição de fatos por uma pessoa que viveu aquele período dá mais concretude e credibilidade ao que se sabe, acrescentando outros detalhes importantes que só seria possível saber vivendo naquela época. Estes relatos são de grande relevância, pois podem contribuir com diversos campos de estudos, como a história, a literatura e a antropologia.

Palavras-chave: Mariquita Sánchez; *Recuerdos del Buenos Ayres Virreynal*; Tratamento dado a mulheres e crianças.

Abstract

¹ Professor Adjunto vinculado ao Centro de Educação e Letras da Universidade Federal do Acre – Campus Floresta. Graduado em Letras: Português-Espanhol (2012). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (2018) e Doutor em Estudos da Tradução (2022). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9074-8447>

This paper aims to present the narratives of Mariquita Sánchez about the treatment given for women and children in her memoirs recorded in the work Recuerdos del Buenos Ayres Virreynal, dictated to Santiago de Estrada. The methodological approach adopted is qualitative, from a bibliographical perspective. The corpus of analysis is the narratives presented in this memoir, published in 2019 by Maizal argentinian publishing editor. The analysis method is based on content analysis, proposed by Bardin (2011), having as the thematic unit the term “virreynato” and as categories of analysis the words “mujer, niño/a” and their respective plurals. We conclude that the impressions recorded by Mariquita shows that women were raised to take care of the home and the children, and young boys were educated not to show feelings and to have autonomy for the family subsistence. The description of facts by a person who lived through that period gives more concreteness and credibility to what is known, adding other important details that would only be possible to know by living in that era. These accounts are of great relevance, as they can contribute to various fields of study, such as history, literature, and anthropology.

Keywords: Mariquita Sánchez; Recuerdos del Buenos Ayres Virreynal; Treatment given for women and children.

INTRODUÇÃO

Maria Josefa Petrona de Todos los Santos Sánchez de Velasco Trillo (1786-1868) foi uma das maiores missivistas do século XIX argentino. Nasceu em 1786, dez anos após a Argentina ser elevada de colônia para vice-reino da Espanha, fato que demonstra que ela nasce ao mesmo tempo que a nação argentina (Guidobono, 2012). Além disso, Mariquita Sánchez, como ficou majoritariamente conhecida, viveu em um período de grandes transformações sociais e econômicas na sociedade bonaerense. Como era de uma família de posses, circulava entre a classe mais abastada de Buenos Aires e recebeu uma boa educação, o que favoreceu a sua formação cultural, primeiramente com a influência dos ideais do Iluminismo e posteriormente, já na década de 30 do século XIX, com os reflexos do Romantismo trazidos da Europa por grande parte dos seus amigos intelectuais, como o conhecido escritor Juan Bautista Alberdi, e pelo seu filho primogênito, Juan Thompson. Foi uma das figuras femininas mais influentes e proeminentes da sociedade argentina do século XIX. Sua vida, marcada por uma notável inteligência e uma rede de contatos com a elite política e intelectual de sua época, a tornou uma testemunha e protagonista de alguns dos eventos mais cruciais da história da Argentina, desde a era colonial até a consolidação da nação independente.

O salão de sua casa em Buenos Aires se tornou um dos centros culturais e políticos mais importantes da cidade. Intelectuais, artistas e líderes políticos da época, como Manuel Belgrano, Juan Martín de Pueyrredón e José de San Martín, se reuniam em sua residência para debater ideias iluministas, conspirar contra o domínio espanhol e, mais tarde, discutir o futuro da nação. Esse salão era um espaço onde as mulheres, frequentemente excluídas da vida pública, podiam exercer uma influência notável. Foi

em sua casa que, segundo a tradição, o Hino Nacional Argentino foi cantado pela primeira vez.

Além das discussões teóricas, o salão funcionava como um centro de articulação política prática. Era nesse espaço íntimo e, ao mesmo tempo, influente que os líderes conspiravam contra o domínio espanhol e planejavam os movimentos que levariam à Revolução de Maio de 1810. As conversas ali iam desde estratégias de ação até a consolidação de alianças, o que o tornava um ponto de encontro crucial para aqueles que desejavam moldar o futuro da nação.

Apesar de ser um espaço predominantemente frequentado por homens em posições de poder, o salão de Mariquita se destacava por ser um ambiente onde as mulheres, geralmente excluídas da vida pública, podiam exercer uma influência notável. A própria Mariquita atuava como anfitriã e mediadora, facilitando o diálogo e, com sua inteligência e carisma, contribuindo para as discussões. O fato de o Hino Nacional Argentino ter sido cantado pela primeira vez em sua casa ilustra o papel central que seu salão desempenhava na vida cultural e política da época.

Mariquita também viveu durante o período do governo de Juan Manuel de Rosas (1829-1832; 1835-1852), considerado por muitos como autoritário, perseguindo e aplicando sanções a quem se opusesse a ele. Por essa razão, e como forma de preservar seu filho Juan Thompson, declarado antirrosista, resolveu se autoexilar em Montevidéu, capital uruguaia, e durante um ano na cidade do Rio de Janeiro (1846-1847). Durante este período, escreve centenas de cartas dirigidas tanto a familiares como a figuras políticas, o que demonstra sua articulação tanto no âmbito privado quanto público. A maior parte do acervo da correspondência de Mariquita foi compilado por Clara Vilaseca (1952) e estudado por pesquisadores/as que afirmam o seu fervor patriótico e atuação pela independência da nação argentina (Batticuore, 2013; Sáenz Quesada, 2011; Sánchez, 2014).

Como sistematização para análises e inferências, recorremos aos métodos da análise de conteúdo, descritos por Bardin (2011). Segundo ela, “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 37). Sendo a obra analisada um relato de vida, acreditamos ser a melhor estratégia de análise para sistematizar os pontos explorados.

A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que permite aprofundar a compreensão de comunicações, sejam elas escritas, visuais ou sonoras. Seu objetivo principal é descobrir o que está “por trás” de um texto, indo além da simples leitura para identificar padrões, temas e significados.

Conforme a visão de Bardin, a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a conteúdos de comunicação para obter indicadores quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos sobre as condições de produção ou recepção dessas mensagens.

O processo é dividido em três etapas:

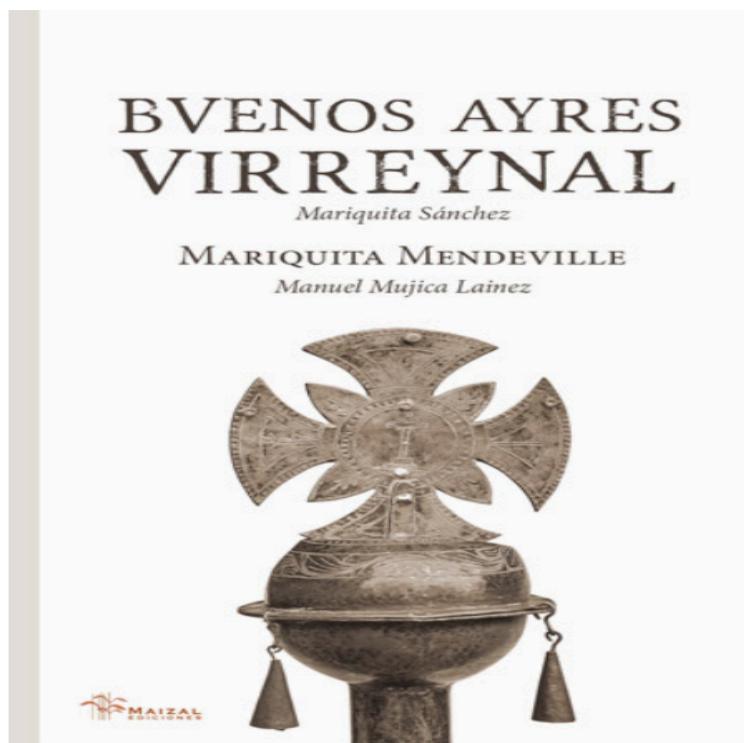
1. **Pré-análise:** É a fase de organização. Nela, o pesquisador faz uma leitura inicial para se familiarizar com o material. É o momento de formular as hipóteses, os objetivos e preparar o material para as próximas fases.

2. **Exploração do material:** O pesquisador codifica e categoriza o material. A codificação consiste em segmentar o texto em unidades de significado, como palavras-chave ou frases. A categorização, por sua vez, agrupa essas unidades em classes temáticas, ou seja, cria-se um sistema de categorias para organizar os dados.
3. **Tratamento e interpretação dos resultados:** Na fase final, os dados categorizados são analisados. O pesquisador pode fazer contagens (análise quantitativa) ou interpretar o significado das categorias (análise qualitativa). A partir daí, é possível fazer inferências sobre o que a comunicação revela. Segundo Bardin, o resultado da análise deve ser apresentado de forma clara e objetiva, permitindo que as conclusões sejam válidas e pertinentes.

Seguindo os preceitos desenvolvidos por Bardin, selecionamos como unidade temática o termo vice-reino. A partir daí, foi possível eleger como categorias de análise as unidades “mulheres” e “crianças/jovens”(em suas versões escritas em espanhol *mujeres, niños/ jóvenes*), sobre as quais nos debruçamos para realizar as inferências por meio das memórias de Mariquita.

Para a busca, utilizamos a obra comprada e enviada da Argentina via Correios, a qual foi digitalizada por nós mesmos e que serve de corpus para as análises e inferências aqui realizadas, já que a obra não apresenta uma versão digital. Com isso, conseguimos utilizar o buscador de palavras do leitor de arquivos em formato *Portable Document Format* (PDF) e identificarmos com mais rapidez e precisão as categorias de análise previamente selecionadas nas 70 páginas que compõem as narrativas.

Imagen 1: *Corpus de análise – Recuerdos del Buenos Ayres Virreynal*



Fonte:

<https://maizal.com/es/libros/turismo/buenos-aires-virreynal.html?srsltid=AfmBOorRKA GpW0JUMX9okfnSCsI-eHrmFsX3bCRjZ73FFEU1gqQRZrMIE>. Acesso em: 17 de setembro de 2025.

Ao digitarmos o termo “mujer/mujeres”, o buscador do arquivo retornou dezessete (17) resultados. Já para os termos “niños/niñas” (e seus respectivos singulares), obtivemos um total de dez (10) citações. Enquanto a busca por “joven/jóvenes” teve um retorno de 4 resultados.

Após o retorno dos resultados, fizemos a leitura detalhada e escolhemos para análise aqueles que se referiam ao tratamento dados às mulheres e crianças/jovens que viveram na Buenos Aires vicerreal, descritos por Mariquita em sua narrativa das memórias, as quais compõem o livro. Os subtítulos nos quais estes termos estavam presentes remetiam a descrição do enlace matrimonial, ao período escolar e como os pais tratavam os filhos.

Vale ressaltar que esta não é a primeira obra que traz as recordações de Mariquita sobre aquele período. Clara Vilaseca, em 1952, organiza e publica pela primeira vez, pela extinta editora argentina *Peuser*, as cartas de María Sánchez, tendo por título “Cartas de Mariquita Sánchez” e, junto a elas, o seu diário, que descreve majoritariamente o cenário político no período em que Juan Manuel de Rosas esteve no poder e ela estava exilada em Montevidéu, capital Uruguaia. Esta obra não teve reedição e a editora que a publicou não está mais em funcionamento desde os anos 60.

Outra obra que resgata as memórias de Mariquita é a de Gabriela Mizraje, com o título “Intimidad y política: diario, cartas y recuerdos”. Foi publicada em Buenos Aires pela editora Adriana Hidalgo, no ano de 2003.

Maria Sáenz Quesada também organiza e publica, pela editora Sudamericana, no ano de 1995, o livro intitulado “Mariquita Sánchez: vida política y sentimental”. Teve nova edição no ano de 2003 pela mesma editora e posteriormente em 2011, pela editora *Penguin Random House Grupo Editorial Argentina*, sendo esta última (inclusive na versão para Kindle, com um total de 448 páginas).

Escolhemos a versão de 2019 por ser a única, dentre as apresentadas acima, que publicam unicamente os relatos de Mariquita Sánchez sobre o período do vice-reino. As outras obras sempre apresentam, como ponto central (inclusive os comentários das organizadoras e nos prólogos) as cartas (não que estas sejam menos importantes, mas que se tornam o foco de que as organizam).

Como forma de situar o leitor, dividimos este trabalho em duas partes. Em um primeiro momento, fazemos uma breve contextualização histórica sobre o período em que desenvolvemos a pesquisa, evitando, assim, anacronismos. A partir daí, descrevemos as impressões de Mariquita sobre o tratamento dado às mulheres e crianças/jovens no período em que o território argentino era um vice-reino pertencente à Espanha, sem autonomia política e econômica.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Para compreendermos o que, de fato, foi o período vice-reinal, convém fazer uma breve contextualização da época em que a Argentina ainda era uma simples colônia da Coroa Espanhola, considerada sem grande importância econômica, já que, segundo Shumway (2008), o território argentino não possuía os minerais que se buscavam no momento, como a prata.

Por essa razão, o crescimento econômico na região do Rio da Prata foi lento e bem diferente das outras colônias espanholas. Por estar distante e ser de difícil acesso ao Alto Peru (centro comercial do período), os moradores da região possuíam poucos recursos e recorriam à prática de venda dos produtos locais² a contrabandistas, principalmente os de origem inglesa e holandesa.

Com a venda desses produtos, os moradores conseguiam obter recursos para a sua subsistência e não mais alimentavam o comércio com os produtos advindos da Coroa Espanhola, o que desestabilizou o governo e o fez repensar sobre como poderia reverter a situação, tendo em vista as transações cada vez mais comuns com os contrabandistas.

Essa preocupação com a manutenção do poderio sobre a região e a rota comercial que a Argentina proporcionava ficou mais evidente com o crescimento econômico devido às transações ilegais feitas. Segundo Shumway (2008, p. 33), no fim do período colonial o território argentino era um extenso vazio e tinha “[...] uma população estimada em cerca de quinhentos mil habitantes, com uma área tão grande quanto a porção ocidental dos Estados Unidos”. Esse fato demonstra a despreocupação da monarquia espanhola em explorar o território e a abertura para novos conquistadores.

Chiaramonte (1972) afirma que, após vislumbrar o potencial econômico que a Argentina poderia proporcionar aos cofres da Coroa, a Espanha se move para instaurar no país o regime de vice-reino. Para o autor,

indagar as razões que moveram a Espanha à criação do vice-reino do Rio da Prata não é outra coisa, substancialmente, que examinar um aspecto das lutas pela hegemonia europeia durante o século XVIII: os estéreis esforços hispânicos para recuperar seu poder passado e conter o avanço dos seus rivais, principalmente a Inglaterra³ (Chiaramonte, 1972, p. 340).

A partir de então, a Coroa Espanhola toma a decisão de transformar a colônia argentina em um dos quatro vice-reinos pertencentes à Espanha no Novo Mundo. Mediante esse intento de renovação para retomada do poder outrora experimentado,

Para reverter os desequilíbrios regionais e os conflitos de fronteira nos espaços despovoados, a Espanha promoveu, na segunda metade do século XVIII, uma reforma administrativa. Além dos vice-reinos já existentes (do Peru e de Nova Espanha),

² Produtos como prata boliviana, couro e charque.

³ “Indagar las razones que movieron a España a la creación del Virreinato del Río de la Plata no es otra cosa, en lo sustancial, que examinar un aspecto de las luchas por la hegemonía europea durante el siglo XVIII: los estériles esfuerzos hispanos para recuperar su pasado poderío y contener el avance de sus rivales, principalmente de Inglaterra”. Todas as traduções para o português pertencem ao autor do texto, exceto nos casos em que se aponte o contrário.

acrescentou mais dois novos; o vice-reino de Granada (1740) e do Rio da Prata (1776), com capitais em Bogotá e Buenos Aires, criando a Capitania Geral da Venezuela (1777) e inúmeras audiências. Em seguida, desenvolveu uma eficaz geopolítica espacial, a partir de uma dupla estratégia: a primeira consistiu na ocupação dos espaços despovoados, com a construção de centenas de fortalezas, chamadas presídios, acompanhando as linhas de fronteiras de guerra, com o objetivo de proteção e defesa contra os ataques dos indígenas ou das potências estrangeiras. A segunda estratégia visava ao fortalecimento dos espaços ocupados e compreendeu um extenso programa de refundação urbana, que se concretizou na transferência, fortificação, remodelação e modernização dos velhos núcleos urbanos do século XVI e na fundação de novas cidades (Schürmann, 1999, p. 159).

O fortalecimento das fronteiras foi uma das prioridades do governo na reformulação sociopolítica dos territórios pertencentes à Coroa. As fortalezas criadas serviam como uma barreira contra os prováveis invasores e permitiram o bloqueio das transações comerciais indesejadas entre moradores locais e contrabandistas.

Por isso, a elevação do território argentino para vice-reino da Espanha promoveu diversas alterações no modo de vida dos cidadãos, sobre as quais Mariquita relata em suas memórias. A partir de então, faremos uma exposição sobre o que ela narra em relação ao tratamento infantojuvenil e às mulheres nesses trinta e quatro anos em que a Argentina permaneceu sob o domínio espanhol.

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE BONAERENSE VICE-REINAL

Poucos são os relatos de mulheres que viveram no vice-reino do Rio da Prata sobre o tratamento dado a elas. As pesquisas realizadas pela história têm, predominantemente, sido escritas por homens. Acreditamos ser importante registrar impressões de quem viveu, de fato, naquele período e sentiu os efeitos causados pelo sistema imposto.

Com a criação da Sociedade de Beneficência de Buenos Aires (1823 a 1948), Mariquita defendeu a educação das mulheres que, conforme seus relatos epistolares, era insuficiente (Sánchez *apud* Vilaseca, 1952). Segundo ela, as mulheres eram criadas para o casamento e a criação dos filhos, e a sua educação era ínfima, o que corrobora a afirmação de Londoño Vega (1994, p. 21):

Durante o período colonial na América Espanhola, pouca atenção foi dada à educação das mulheres; somente as mulheres mais ricas receberam instrução rudimentar para aprender a ler, contar, costurar, tecer, bordar e rezar. Na véspera da Independência, sob a influência do Iluminismo, lentamente se foi ganhando espaço a ideia de que as mulheres deveriam ser educadas, porque assim poderiam educar melhor seus filhos. Naquela época, no vice-reino do Novo Reino de Granada, como acontecia no resto das colônias espanholas na América, foram abertos alguns estabelecimentos dedicados à educação feminina, obviamente mais incipientes do que aqueles que funcionavam em cidades prósperas como o México e Lima.⁴

⁴ “Durante la época colonial en Hispanoamérica se le prestó poca atención a la educación de la mujer; sólo a las más pudientes les fue impartida una rudimentaria instrucción para que aprendieran a leer, a contar, a coser, a tejer, a bordar y a rezar. En vísperas de la Independencia, bajo el influjo de la Ilustración, lentamente se fue abriendo paso la idea de que se debía educar a las mujeres, porque así ellas podían formar mejor a sus hijos. Por esa época, en el virreinato del Nuevo Reino de Granada, como acontecía en el resto de las colonias españolas en América, se abrieron algunos establecimientos dedicados a la

Um caso à parte foi a educação de Mariquita, devido a sua condição social e sua curiosidade em realizar leituras que não eram disponibilizadas no âmbito escolar tradicional. Batticuore (2013) aponta que ela

Chegou a ter uma instrução refinada que superava o que era habitual para as mulheres da época. Não é difícil imaginá-la como uma dessas poucas e seletas leitoras dos jornais que circulavam na Buenos Aires de 1800: leitora não somente das *Gazetas* espanholas que chegavam ao Rio da Prata e que eram comentadas dentro e fora das tertúlias, entre os homens públicos e as famílias da elite. Também dos primeiros jornais locais como *El Telégrafo Mercantil, Rural, Político, Económico e Historiográfico del Río de la Plata*, publicado por Vieytes em 1801-1802, o *Semanario de Agricultura, Industria y Comercio* (1802) ou o *Correo del Comercio* (1807) (Batticuore, 2013, p. 229-233).⁵

Rossi e Ibarra (2013) dissertam que, desde muito cedo, eram impostas atividades domésticas às meninas, como forma de prepará-las para a vida pós-casamento, que se iniciava muito cedo, pouco após completar aproximadamente treze anos de idade.

Na narrativa de Mariquita, as mulheres não se casavam por vontade própria, pois os enlaces matrimoniais eram constituídos por conveniência, e não por sentimentos. Na verdade, o sentimento amoroso entre os casais antes do casamento não era bem-visto, por ser considerado “obra diabólica”, como é o caso do trecho a seguir, extraído da obra traduzida e analisada, *Recuerdos del Buenos Aires Virreynal*:

[...]O pai arrumava tudo conforme sua vontade. Dizia a sua mulher e à noiva três ou quatro dias antes de se fazer o casamento; isto era muito normal. Falar de sentimentos para estas pessoas era farsa do diabo; o casamento era um sacramento e coisas mundanas não tinham nada a ver com isso. Ah, a juventude atual! Se soubessem os tormentos daquela juventude, saberiam aproveitar a felicidade de agora! As pobres filhas não se atreviam a fazer a menor observação, era preciso obedecer. Os pais acreditavam que eles sabiam o que era melhor para

educación femenina, obviamente más incipientes que aquellos que funcionaban en ciudades prósperas como México y Lima”.

⁵ “Llegó a tener una instrucción refinada que superaba lo que era habitual para las mujeres de la época. No es difícil imaginarla como una de esas pocas y selectas lectoras de los periódicos que circulaban en la Buenos Aires del 1800: lectora no sólo de las Gacetas españolas que llegaban al Río de la Plata y comentaban dentro y fuera de las tertulias, entre los hombres públicos y las familias de la élite. También de los primeros diarios locales como El Telégrafo Mercantil, Rural, Político, Económico e Historiográfico del Río de la Plata, publicado por Vieytes en 1801-1802, el Semanario de Agricultura, Industria y comercio (1802) o el Correo del Comercio (1807)”

as suas filhas e era perder tempo tentar fazê-los mudar de opinião⁶. (Sánchez, 2019, p. 39)

Neste sentido, Guillamon, em uma perspectiva analítica historiográfica e sociocultural, afirma que “a escolha matrimonial não acontecia somente pelo mero fato de ser uma mulher apaixonada e sentimental, mas sim por conveniência que ofereciam as opções sociais que cada futuro esposo representava” (2012, p. 107). As conveniências na escolha dos parceiros para suas filhas eram puramente pautadas nos interesses sociais que esta poderia oferecer à família.

Nesta perspectiva, Lévy-Strauss (1954) *apud* Levy (2009) ressalta que os casamentos arranjados também eram uma forma de se manter a permanência de um grupo social:

O sistema de parentesco, as regras de casamento e os grupos de descendência constituem um conjunto coordenado, cuja função é assegurar, pela costura dos laços consanguíneos e afins, a permanência do grupo social. Podem ser considerados como a fábrica (*blueprint*), cujo mecanismo retira (*pumps*) as mulheres de suas famílias consanguíneas para redistribuí-las nos grupos de afinidade, resultando desse processo a criação de novos grupos consanguíneos e dando, assim, continuidade à vida em sociedade. (Lévi-Strauss, 1954, p. 527; *apud* Levy 2009, p.117)

O matrimônio não levava em consideração os desejos da noiva. Era possível que não estivesse satisfeita, mas não poderia demonstrar sua insatisfação para não desagradar o pai. Segundo Mariquita: “se casava uma jovem bonita com um homem que nem era bonito, nem elegante, nem fino, e que além disso poderia ser seu pai, mas era homem de juízo, era o suficiente”⁷ (Sánchez, 2019, p. 38).

Após a união matrimonial, o papel da mulher se limitava quase que exclusivamente a agradar o seu marido, satisfazendo todas as suas necessidades, assim como era imprescindível dar filhos para a perpetuação da linhagem familiar. A diversão, segundo Mariquita, se limitava a ir às missas, e raramente visitavam suas amigas:

A garota ia para sua casa (a casa do seu marido), que agora diriam ser uma prisão, ia para a missa, via suas conhecidas a cada dois ou três meses, arrumava a casa, cozinhava o dia todo. Nesses tempos⁸ não era necessário se divertir; muitos poucos casamentos se faziam por

⁶ “[...] El padre arreglaba todo a su voluntad. Se lo decía a su mujer y a la novia tres o cuatro días antes de hacer el casamiento; esto era muy general. Hablar de corazón a estas gentes era falsa del diablo; el casamiento era un sacramento y cosas mundanas no tenían que ver en esto, ¡ah, jóvenes del día!, si pudiera saber los tormentos de aquella juventud, ¡cómo sabrías apreciar la dicha que gozáis! Las pobres hijas no se habrían atrevido a hacer la menor observación, era preciso obedecer. Los padres creían que ellos sabían mejor lo que convenía a sus hijas y era perder tiempo hacerles variar de opinión.”

⁷ “Se casaba una niña hermosa con un hombre que ni era lindo ni elegante ni fino y además que podía ser su padre, pero era hombre de juicio, era lo preciso”

⁸ O período ao qual Mariquita se refere é aquele em que viveu sua juventude, que corresponde a meados de 1800 (quando então teria 14 anos) até 1805, aproximadamente (NT).

vontade própria e estes eram a contragosto dos seus pais. (Sánchez, 2019, p. 39)⁹

Esses relatos revelam que as mulheres não tinham outras obrigações senão a do trato do lar. As narrativas de Mariquita vão ao encontro do que a história já registra em seus estudos sobre o tratamento dado às mulheres e como estas eram vistas socialmente. Segundo ela, “[...] muitas jovens preferiam se tornar religiosas do que se casar a contragosto, com homens que mais inspiravam aversão do que amor” (Sánchez, 2019, p. 39). O amor era uma palavra vista com animosidade, uma vez que era “uma palavra escandalosa para uma jovem, o amor era perseguido, o amor era visto como depravação” (ibidem, p. 39).

O TRATAMENTO INFANTOJUVENIL

Para Massimino (2016), o período da infância era considerado sem importância e muito breve, já que se considerava seu término no momento em que a criança tivesse idade para trabalhar, o que acontecia por volta dos oito anos de idade. Neste mesmo sentido, Fernández aduz que

A infância era considerada uma passagem até a fase adulta, diferente do modo que se concebe atualmente: como uma etapa importante do ciclo vital do homem na qual são fundamentais os jogos, a socialização através do contato com outras crianças, as demonstrações de afeto e carinho e a consideração de certos cuidados especiais para a saúde. Nas sociedades antigas, pelo contrário, as crianças compartilhavam espaços de sociabilidade com os adultos e qualquer agrupação de trabalho, de diversão ou de jogo reunia simultaneamente a ambos. A infância, por tanto, não era mais que uma passagem sem importância, que não valia a pena gravar na memória (Fernández, 2015, p 3).¹⁰

Por essa razão, o tratamento infantojuvenil era extremamente severo e, no período escolar, a educação ficava a cargo, majoritariamente, de figuras religiosas, como franciscanos, dominicanos e jesuítas, considerados importantes para uma educação condizente com o que era esperado na época. Em suas recordações, María Sánchez lembra que, quando as crianças começavam a crescer, os pais ocultavam as demonstrações de carinho, uma vez que acreditavam que deveriam ser extremamente

⁹ “La niña iba a su casa (la casa de su marido), que ahora dirían una cárcel, salía a misa, a ver a sus conocidas cada dos o tres meses, atender su casa, coser todo el día. En estos tiempos no era preciso divertirse; muy pocos casamientos se hacían por inclinación y estos eran a contragusto de sus padres”.

¹⁰ “La niñez era considerada como un pasaje hacia la adulterz, distinto del modo en que se la concibe actualmente: como una etapa importante del ciclo vital del hombre en la cual son fundamentales los juegos, la socialización a través del contacto con otros niños, las demostraciones de afecto y cariño y la consideración de ciertos cuidados especiales para la salud. En las sociedades antiguas, por el contrario, los niños compartían espacios de sociabilidad con los adultos y cualquier agrupación de trabajo, de diversión o de juego reunía simultáneamente a ambos. La infancia, por tanto, no era más que un pasaje sin importancia, que no valía la pena grabar en la memoria”.

severos, e quando enviavam seus filhos para a escola, davam ordens de tratá-los com o maior rigor possível.

Mariquita relata situações de abuso na educação escolar, lembrando que a escola funcionava em uma casa velha, dirigida por Dona Francisca López. Frequentada por meninos e meninas a partir dos cinco anos de idade, separados em duas salas, cada um tinha que levar sua cadeira feita de palha. Relata ainda que havia uma mesa muito tosca, que os rapazes usavam para escrever primeiro e depois as meninas, e admitia que nem todos os pais queriam que as filhas soubessem escrever para que não redigissem cartas aos rapazes.

A escola se limitava ao ensino da leitura e da escrita, além das quatro primeiras operações aritméticas. As garotas tinham aula de música e piano, ademais de costura, já que deveriam servir futuramente aos seus maridos com essas habilidades. A vigilância sobre as meninas era grande, para impedir o contato com os rapazes. Em uma de suas recordações, Mariquita diz: “[...] havia uma escola na qual se davam chicotadas todo dia. O lema era: a letra com sangue entra. Davam-lhe a lição; não aprendia? Seis chicotadas e mais estudo; não aprendia? Doze chicotadas; ele vai aprender” (Sánchez, 2019, p. 40)¹¹.

Além disso, eram obrigados a ver cenas de enforcamento dos condenados à morte pela justiça local, para que se tornassem “fortes”, conforme relato:

Se sentenciava um homem à morte, coisa rara, porque estavam oito ou dez anos na prisão antes de condená-lo. Não lhes tiravam a vida como agora: se fazia um aparato alto e colocavam um torno; o sentavam e com o torno apertavam o seu pescoço, de modo que a língua ficava de fora. Levavam a todos os garotos das escolas para ver isto. Alguns professores, primeiro o senhor Salsedo, logo que entravam na escola, lhes davam chicotadas, para que não se esquecessem do que tinham visto; outros, mais humanos, faziam observações a eles.¹² (Sánchez, 2019, p. 37)

Como se pode observar, o rigor com que os jovens eram tratados era grande. Essa dureza na educação dos jovens se refletia posteriormente no tratamento que eles davam às suas esposas e na criação dos filhos, alimentando um ciclo vicioso.

A vida para os jovens podia se tornar melhor caso viessem de uma família abastada. Caso contrário, deveriam trabalhar muito e a troco de uma renda ínfima. De acordo com Mariquita, as carreiras para estes jovens eram escassas, sendo possível trabalhar em ofícios religiosos ou mecânicos. Segundo ela, os jovens de

¹¹ “Había una escuela que se le daban azotes todo el día. El refrán era: la letra con sangre entra. Se le daban la lección; ¿No la sabía?, seis azotes y estudiarla; ¿no la sabía? Doce azotes; él la ha de saber”.

¹² “Se sentenciaba a muerte a un hombre, cosa rara, porque estaban ocho y diez años en la cárcel antes de condenarlos. No se les quitaba la vida como ahora; se hacía un aparato alto y se ponía un torno. Lo sentaban y con el torno le apretaban el pescuezo, de modo que la lengua quedaba afuera. A todos los muchachos de la escuela los llevaban a ver esto. Algunos maestros, el primero el Señor Salcedo, luego que entraban a la escuela les daban azotes, para que no se los olvidara lo que habían visto; otros, más humanos, les hacían sus observaciones. Se me olvidaba decir que había un sermón después de la justicia”.

aproximadamente 14 ou 15 anos iam até um comércio a procura de trabalho, e se tornavam praticamente “criados”, pois faziam de tudo para humilhá-los. Na narrativa de Mariquita é descrito que “tinham que varrer a calçada e o comércio, esfregar o candeeiro, porque não se conhecia outra iluminação, arrumar a cama do patrão e a sua própria, limpar os pratos com que se comia e comer as sobras do patrão. Ficavam sem salário até que estivessem bem experientes, e então lhes davam uma miséria”¹³ (Sánchez, 2019, p. 146). Suas roupas eram péssimas, geralmente chamadas por Mariquita de trapos. Essa descrição da realidade mostra o quanto os jovens sem condições financeiras sofriam por um sistema que não os via como o futuro da nação. .

Já no caso de famílias ricas, os jovens eram enviados à Espanha, com o propósito de servirem à Marinha e/ou outros órgãos militares correspondentes. Viviam de uma pensão paga pelos seus pais até que tivessem condições de subsistência próprias. Devido a essas condições, não sofriam tanto com essa imposição familiar e até iam contentes. Não voltavam para suas casas sem uma prévia autorização dos pais, no intuito de visitar suas famílias.

De acordo com Mariquita, a inclinação dos jovens argentinos não se dava muito no âmbito militar, preferindo estes a carreira de advogados, fazendo parte dos seus estudos em Buenos Aires e devendo concluir os estudos posteriormente em Córdoba ou Chuquisaca. Obviamente que os gastos para essa formação eram altos, mas os progenitores seriam recompensados pela instrução que seus filhos receberiam e a posição social que ocupariam posteriormente, principalmente em cargos públicos.

Segundo María Sánchez, pelo grande volume de leitura exigidos dos estudantes, eles eram muito elogiados e admirados, já que em Buenos Aires não se tinha acesso a uma grande quantidade de livros. Isso porque “havia um tribunal do Santo Ofício que mesmo não queimando ninguém, porque a ocasião não permitiu, tinha que expurgar, assim diziam, todo livro que vinha; e não se colocava à venda até que tivesse sido revisado”¹⁴ (Sánchez, 2019, p. 147).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as narrativas de Mariquita sobre o vice-reino do Rio da Prata, quando o sistema político e econômico da Argentina era vinculado à Coroa Espanhola, ficam perceptíveis as drásticas diferenças culturais em relação ao tratamento dado às mulheres e às/-aos jovens e crianças. A criação da menina/jovem era unicamente para unir-se em matrimônio com alguém que estivesse à altura da família e que pudesse

¹³ “Debían de barrer la vereda y la tienda, fregar el candelero, porque no se conocía otra iluminación, tender la cama del patrón y a la suya, limpiar los platos con que se comía y comer las sobras del patrón. Sin sueldo hasta que estaban bien experimentados, y entonces les daban una miseria”.

¹⁴ “Había un tribunal del Santo Oficio que, aunque no quemaban a nadie, porque la ocasión no lo permitía, tenían que purgar, así decían, todo libro que salía; y no se ponía en venta hasta que no se revisaba”.

perpetuar a sua linhagem. Neste sentido, a educação escolar para as mulheres era extremamente limitada, servindo apenas para que elas dominassem a escrita e poucas operações matemáticas, necessárias inclusive para as atividades domésticas, como fazer compras.

No que concerne ao tratamento dado aos jovens, é estarrecedor o relato de que os professores os levavam para assistir cenas de enforcamento dos presos, somente para que “endurecessem” seus sentimentos, não demonstrando fraquezas perante a sociedade. A narrativa de Mariquita nos leva a refletir sobre como era difícil crescer em um ambiente hostil, carregado da falta de suporte emocional, já que os pais, logo que os filhos começavam a crescer, passavam a esconder a afetividade para que eles crescessem fortes o bastante para enfrentar a vida dura.

O que Mariquita relata em suas recordações é o que muitos historiadores e pesquisadores das áreas de ciências sociais, história, antropologia e afins já analisaram e refletiram. No entanto, a descrição de fatos por uma pessoa que viveu aquele período dá mais concretude e credibilidade ao que se sabe, acrescentando outros detalhes importantes que só seria possível saber vivendo naquela época. Estes relatos são de grande relevância, pois podem contribuir com diversos campos de estudos, como a história, a literatura e a antropologia.

A história, por muito tempo, foi narrada a partir de uma perspectiva predominantemente masculina, o que resultou em lacunas e silenciamentos. A voz das mulheres, suas experiências e suas contribuições, foram frequentemente deixadas de lado ou relegadas a notas de rodapé. A ausência de suas perspectivas empobrece a nossa compreensão do passado, pois uma narrativa incompleta não pode ser totalmente precisa.

A inclusão da voz feminina na história é fundamental para que tenhamos uma visão mais rica e completa dos eventos. Mulheres como Mariquita Sánchez, que transformaram seus salões em centros de debates políticos e culturais, demonstram que a influência feminina nem sempre se manifestava em campos de batalha ou em palácios de poder, mas sim em espaços de diálogo, de articulação de ideias e de influência social.

Ao incorporar a perspectiva feminina, a história ganha em profundidade. Entendemos não apenas o que aconteceu, mas como esses eventos afetaram e foram percebidos por diferentes grupos da sociedade. As experiências de mulheres, mães, esposas, trabalhadoras e intelectuais revelam aspectos do cotidiano, das relações de poder e das lutas sociais que de outra forma permaneciam invisíveis.

Engendrando o espaço literário, podemos dizer que a inclusão da perspectiva feminina na história não apenas enriquece o registro de eventos, mas também transforma a própria literatura. Ao trazer à luz as vozes e as experiências de mulheres como Mariquita Sánchez, a literatura se expande, oferecendo novas narrativas e personagens que desafiam os estereótipos tradicionais. Esses relatos, muitas vezes íntimos e pessoais, revelam as complexidades das relações humanas, as dinâmicas de poder e as nuances emocionais que a história oficial, focada em grandes feitos militares e políticos, tende a ignorar. A correspondência e os diários de figuras femininas se tornam, assim, um tesouro literário, apresentando estilos de escrita únicos e temas que dialogam com a condição humana de forma mais completa. A literatura,

ao dar espaço a essas vozes, torna-se um reflexo mais fiel da sociedade, proporcionando uma compreensão mais profunda e multifacetada do passado.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.
- BATTICUORE, Graciela. *Mariquita Sánchez bajo el signo de la revolución*. Buenos Aires: Edhasa, 2013.
- CHIARAMONTE, José C. *La etapa ilustrada (1750-1806)*. In: ASSADOURIAN, Carlos S; BEATO, Guillermo; CHIARAMONTE, José C. Argentina. De la Conquista a la Independencia. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972.
- FERNÁNDEZ, N. S. *Los Niños Expósitos de Buenos Aires, 1779-1823*. Sociales y Virtuales, 2(2), 2015. Disponível em: <http://socialesyvirtuales.web.unq.edu.ar/los-ninos-expositos-de-buenos-aires-1779-1823/>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- GUIDOBONO, Sandra Olivero. *Sentir y vivir en femenino*: las mujeres en la historia de Hispanoamérica. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/64028>. Acesso em: 20 mai. 2024.
- GUILLAMON, Guillermina. *Construyendo la excepción: Mariquita Sánchez desde lo biográfico*. Cambios Y Permanencias, (3), 102–115, 2012. Disponível em: <https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistacyp/article/view/7357>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- LEVY, Maria Stella Ferreira. A escolha do cônjuge. R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 117-133, jan./jun. 2009.
- LONDONO VEGA, Patricia. *Educación femenina en Colombia, 1780-1880*. Boletín Cultural y Biográfico, vol. 31, n. 37, pp. 20-59, 1994.
- MASSIMINO, Maximiliano Rafael. *El tratamiento de la niñez en la república argentina a partir de fines del siglo XIX hasta la fecha y la influencia de la escuela criminológica positivista*. Terra jurista, 2016. Disponível em: <https://www.terragnijurista.com.ar/doctrina/tratamiento.htm>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- MIZRAJE, Gabriela. *Mariquita Sánchez - Intimidad y política: diario, cartas y recuerdos*. Buenos Aires: A. Hidalgo, 2003.
- ROSSI, Lucía A.; IBARRA, M. Florencia. *Infancia en Argentina*: Historia de sus referencias discursivas e institucionalización. Anu. investig., Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 20, n. 2, p. 233-238, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185116862013000200029&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 05 ago. 2024.

SÁENZ QUESADA, María. *Mariquita Sánchez*: vida política y sentimental. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

SÁENZ QUESADA, María. *Mariquita Sánchez*: vida política y sentimental. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial Argentina, 2011 (versão para kindle).

SÁNCHEZ, Mariquita. *Buenos Ayres Virreinal*. Buenos Aires: Maizal Ediciones, 2019.

SÁNCHEZ, Santiago Javier. *Mariquita Sánchez: ¿Madre de la Patria o feminista patriótica?* Procesos Históricos, núm. 25, Universidad de los Andes: Mérida, enero-junio, 2014, pp. 18-37.

SHUMWAY, Nicolás. *La invención de la Argentina*. Historia de una idea. Buenos Aires: Emecé, 2005.

SCHÜRMANN, Betina. *Urbanização colonial na América Latina: cidade planejada versus desleixo e caos*. Textos de História, vol. 7, nº 1/2, 1999.

VILASECA, Clara [comp.]. *Cartas de Mariquita Sánchez*: biografía de una época. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1952.